

LIÇÃO 15 - Três Argumentos Pelos Quais as Ideias Não Podem Ser Definidas

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 15: 1039b 20-1040b 4

“ 669. Mas, uma vez que há dois tipos de substância, o todo concreto e a estrutura inteligível de uma coisa (e eu digo que o primeiro é a substância tomada como a estrutura inteligível concebida com a matéria, e o último é a estrutura inteligível em geral), então todas as coisas que são chamadas de substância da primeira maneira estão sujeitas à corrupção; pois estas também estão sujeitas à geração. Mas a estrutura inteligível não está sujeita à corrupção de tal forma que pereça, uma vez que não está sujeita à geração; pois não é o ser da casa que é produzido, mas o ser desta casa. Mas ambas são e não são sem geração e corrupção; pois foi mostrado (611) que ninguém gera ou produz estas. E por esta razão, também, não há nem definição nem demonstração das substâncias sensíveis singulares, porque elas têm matéria cuja natureza é tal que é possível para elas tanto ser como não ser; e por esta razão todas as instâncias singulares destas são corruptíveis. Ora, a demonstração é de coisas necessárias, e a definição é científica. E assim como o conhecimento científico não pode ser às vezes conhecimento científico e às vezes ignorância, mas o que é tal é opinião, também não se pode admitir que a demonstração ou a definição seja tal (mas é a opinião, então, que está preocupada com algo que pode ser de outra forma do que é). Mas se isto é verdade, é evidente que não haverá demonstração ou definição destas coisas. Pois as coisas corruptíveis não são evidentes para aqueles que têm conhecimento científico; e quando foram removidas da esfera da percepção sensorial, mesmo que suas expressões inteligíveis permaneçam as mesmas na mente, não haverá nem demonstração nem definição delas. E por esta razão, quando alguém, ansioso por estabelecer os limites das coisas, define um destes singulares, não deve ignorar o fato de que é sempre possível derrubar sua definição; pois não é possível definir tal coisa. Nem é possível, então, definir qualquer uma das Ideias; pois uma Ideia é de coisas singulares (como dizem), e é separável.

670. E é necessário que a expressão inteligível de uma coisa seja composta de palavras; e aquele que forma uma definição não cunhará uma palavra (pois seria desconhecida), mas os atributos que são postos são comuns a todas as coisas. É necessário, então, que estes também se apliquem a outras coisas; por exemplo, se alguém te definisse, diria que és um animal capaz de andar ou branco ou tendo algum outro atributo que se encontra em outra coisa.

671. Mas se alguém dissesse que nada impede que todas as coisas consideradas separadamente estejam presentes em muitas coisas, mas que tomadas juntas estão presentes juntas apenas nesta única coisa, é necessário primeiro dizer que elas pertencem a ambas; por exemplo, animal bípede pertence tanto ao animal quanto ao bípede. E isto deve ser o caso com as coisas eternas.

672. É também necessário que elas sejam existentes anteriores e partes do composto. E ainda mais, elas devem ser separáveis se o homem é separável; pois ou nenhuma ou ambas serão tais. Se, então, nenhuma é separável, um gênero não existirá separadamente da espécie; mas se ambas são, também o será uma diferença.

673. Novamente, porque são anteriores ao próprio ser, portanto não serão destruídas.

674. E, novamente, se as Ideias são compostas de Ideias, as coisas menos compostas são os elementos das outras.

675. Será, além disso, necessário que aquelas coisas das quais uma Ideia é composta sejam predicadas de muitas coisas, como animal e bípede. Mas se isto não é verdade, como serão conhecidas? Pois haverá uma Ideia que não pode ser predicada de mais de uma coisa. No entanto, este não parece ser o caso, mas toda Ideia é capaz de ser participada.

676. Portanto, como foi dito (671), o fato de que é impossível dar definições de coisas eternas, e especialmente de quaisquer instâncias singulares destas, como o sol e a lua, está oculto destas pessoas. Pois as pessoas erram ao adicionar tais atributos que podem ser removidos e deixar o sol permanecer, por exemplo, girar ao redor da terra ou estar oculto à noite; (pois segundo elas) se ele parasse ou fosse visível à noite, não seria mais o sol; mas é absurdo se não é assim (pois o sol significa uma certa substância); e elas também erram ao adicionar atributos que são capazes de pertencer a outra coisa; por exemplo, supondo que outra tal coisa viesse a existir, evidentemente seria um sol. Portanto, a expressão definitiva é comum. Mas o sol foi tomado como uma coisa singular, como Cleon e Sócrates. Pois por que nenhum destes pensadores oferece quaisquer limites fixos de uma Ideia? Pois para aqueles que tentam isto, tornar-se-ia evidente que o que foi dito agora é verdade.

COMENTÁRIO

1606. Neste lugar, o Filósofo mostra que as Ideias, que os platônicos afirmavam ser separadas, são incapazes de ser definidas. E ele faz isso porque os platônicos postularam as Ideias principalmente para aplicá-las tanto às definições quanto às demonstrações, que lidam com o que é necessário, uma vez que todas essas substâncias sensíveis pareciam estar em movimento.

A respeito disso, ele faz duas coisas. Primeiro (669:C 1606), ele usa argumentos para mostrar que as Ideias não podem ser definidas. Segundo (676:C 1627), ele usa um exemplo (“Portanto, como foi dito”).

No primeiro membro desta divisão (669), ele apresenta três argumentos, e o primeiro deles é enunciado da seguinte forma: um tipo de substância é “a estrutura inteligível”, i.e., a essência e a forma, e outro é o composto de matéria e forma, que é o todo concreto constituído de matéria e forma. E eu digo que estes diferem; i.e., “que este último”, que é a substância no sentido do todo concreto, é a substância tomada como algo que tem sua estrutura inteligível concebida com a matéria; mas o primeiro, que é a forma ou estrutura inteligível ou essência de uma coisa, é a estrutura inteligível ou a forma em geral, e esta não tem matéria individual ligada a ela.

1607. Portanto, todas aquelas coisas que são chamadas de substância no sentido de um composto são capazes de ser corrompidas; pois foi mostrado acima (611:C 1423) que apenas aquelas coisas que são compostas de matéria e forma estão sujeitas à geração; e a geração e a corrupção pertencem ao mesmo sujeito.

1608. E a substância no sentido da estrutura inteligível ou quiddidade de uma coisa é incapaz de ser corrompida de tal modo que seja corrompida em si mesma. Pois foi mostrado acima (611:C 1417-23) que este tipo de substância não é gerado, mas apenas o composto; pois não é a essência de uma casa que é produzida (como foi mostrado acima), mas o que é peculiar a esta casa; porque é esta casa particular e não a estrutura inteligível de uma casa que é produzida. Contudo, formas e quiddidades deste tipo algumas vezes são e algumas vezes não são “sem geração e corrupção”, i.e., sem serem geradas ou corrompidas em si mesmas, pois elas começam a ser e a não ser quando outras coisas são geradas e corrompidas. Pois foi mostrado acima (611:C 1420) que no caso das coisas naturais ninguém “gera estas”, a saber, suas formas e quiddidades; nem isso acontece mesmo no caso das coisas artificiais; mas este agente singular gera e produz esta coisa singular.

1609. E porque as coisas singulares são geradas e corrompidas, não pode haver nem definição nem demonstração de substâncias sensíveis singulares; pois elas contêm matéria individual, cuja natureza é tal que qualquer coisa constituída dela é capaz tanto de ser quanto de não ser. Pois a própria matéria, considerada em si mesma, está em potência para a forma, por meio da qual a coisa material existe, e para a privação, em razão da qual a coisa material não existe. Portanto, todas as coisas singulares incluídas entre essas substâncias sensíveis cuja matéria está em potência para o ser e o não ser são corruptíveis. No entanto, os corpos celestes não têm aquele tipo de matéria que está em potência para o ser e o não ser, mas aquela que está em potência para o lugar; portanto, eles não são corruptíveis.

1610. Portanto, se a demonstração é de coisas necessárias, como foi provado nos *Analíticos Posteriores*, e a definição também é “científica”, i.e., produtora de ciência, porque serve como termo médio em uma demonstração, que é um silogismo produtor de ciência, então, assim como é impossível para o conhecimento científico ser algumas vezes conhecimento científico e outras vezes ignorância, porque o que é conhecido cientificamente deve ser sempre verdadeiro, “mas o que é tal”, i.e., o que pode ser algumas vezes verdadeiro e algumas vezes falso, é opinião, da mesma forma é impossível que haja demonstração ou definição daquelas coisas que podem ser diferentes do que são; mas sobre as coisas contingentes deste tipo há apenas opinião.

1611. Se isso é assim, eu digo, é evidente que não haverá nem definição nem demonstração dessas coisas singulares, sensíveis e corruptíveis. Pois as coisas corruptíveis deste tipo não podem ser claramente conhecidas por aqueles que têm conhecimento científico delas quando elas passaram para fora do alcance dos sentidos, através dos quais são conhecidas. Portanto, “ainda que as expressões inteligíveis” ou formas dessas coisas singulares, pelas quais elas podem ser conhecidas, “permaneçam na alma”, não haverá nem definição nem demonstração delas. E por esta razão, quando alguém, “desejoso de estabelecer os limites das coisas”, i.e., a definição de qualquer coisa, define uma coisa singular, ele não deve ignorar o fato de que é sempre possível remover o singular enquanto a expressão inteligível como tal que ele forma em sua mente permanece. E isso é verdadeiro porque é impossível dar uma definição genuína de um singular; pois no caso daquelas coisas que são verdadeiramente definidas, o conhecimento da coisa definida permanece enquanto o conhecimento da definição permanece na mente.

1612. Portanto, se uma coisa singular não pode ser definida, é impossível definir uma Ideia; pois uma Ideia deve ser uma coisa singular, de acordo com aqueles que postulam Ideias, uma vez que eles afirmam que uma ideia é algo que subsiste por si mesmo, separado de todas as outras coisas; e é isso que significa coisa singular.

1613. E é necessário (670).

Então ele apresenta o segundo argumento; e a respeito disso ele faz duas coisas. Primeiro, ele apresenta o argumento; e segundo (671:C 1619), ele rejeita uma resposta que evita a questão (“Mas se”).

Agora era necessário que ele adicionasse este argumento ao anterior, uma vez que o argumento dado já provou que o singular não é definível porque é corruptível e material, e os platônicos não atribuíram estas duas propriedades às Ideias. Portanto, para que sua prova não se tornasse ineficaz, ele adiciona outro argumento (670), e o enuncia da seguinte forma.

1614. É necessário que toda expressão definitória seja composta de várias palavras; pois aquele que define uma coisa não transmite seu significado dando apenas uma palavra, porque se ele desse apenas uma, a coisa definida ainda permaneceria desconhecida para nós. Pois quando uma única palavra mais conhecida é dada, é possível conhecer o nome da coisa definida, mas não a coisa definida, a menos que seus princípios sejam dados; pois é por seus princípios que tudo se torna conhecido.

1615. Ora, a resolução da coisa definida em seus princípios — que aqueles que formam definições pretendem fazer — só é possível quando várias palavras são dadas. Portanto, ele diz que, se apenas uma palavra é dada, a coisa definida ainda permanecerá desconhecida; mas se muitas palavras são dadas, elas devem ser comuns a todas as coisas [de sua classe].

1616. Pois se na definição de qualquer coisa singular certas palavras são dadas que são próprias apenas àquela própria coisa, elas serão nomes sinônimos da mesma coisa singular. Portanto, não é a coisa que será tornada conhecida quando palavras deste tipo são dadas, mas talvez uma palavra menos conhecida. Por exemplo, se perguntássemos quem é Túlío, e alguém respondesse, Marco e Cícero, não seria uma definição adequada.

1617. Portanto, se uma coisa singular é definida, devem ser dadas certas palavras que sejam aplicáveis a muitas coisas. Daí, a definição deve ajustar-se não apenas à coisa singular cuja definição está sob investigação, mas também a outras coisas; e isso se opõe à noção de uma definição verdadeira; por exemplo, se alguém pretendesse definir a ti, e dissesse que és um animal capaz de andar ou um animal branco ou qualquer outra coisa que se aplique a ti, essa definição se ajustaria não só a ti, mas também a outras coisas.

1618. É evidente, então, que uma coisa singular carece de definição não apenas por ser corruptível e material, mas também por ser singular. Logo, nem uma Ideia é definida. A razão para isso é a que o Filósofo dá aqui: se as palavras tomadas para definir uma coisa expressam o indivíduo em termos das coisas pelas quais ele é individuado, as palavras serão sinônimas. Mas se elas expressam a natureza e os atributos comuns sem individuação, a definição não será uma definição própria da coisa definida, porque todas as formas, acidentais ou substanciais, que não subsistem por si mesmas, quando consideradas em si mesmas, são comuns a muitas. E se algumas são encontradas em apenas uma coisa, como a forma do sol, isso não vem da forma, enquanto ela é por si mesma apta a estar em muitas coisas, mas da matéria; pois toda a matéria da espécie está reunida em um único indivíduo. Ou isso vem da sua causa final, porque um só sol é suficiente para a perfeição do universo.

1619. Mas se alguém (671).

Em seguida, ele rejeita uma resposta que é evasiva. Pois alguém poderia dizer que, embora qualquer um desses atributos dados na definição de uma Ideia singular sejam próprios a muitos individualmente, todavia, tomados em conjunto, são próprios a apenas uma coisa, isto é, àquela cuja definição está sob investigação.

Ele rejeita essa resposta de duas maneiras. Primeiro (671:C 1619), com referência às próprias Ideias; e segundo (675:C 1624), com referência àquelas coisas das quais elas são as Ideias (“Além disso, será”).

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, rejeita a resposta mencionada acima, mostrando que ainda não se segue que a definição pertença apenas à coisa definida; e segundo (672:C 1620), que ela não lhe pertence primariamente (“É também necessário”).

Por isso, ele diz (671) que, ao opor-se a esta resposta, deve-se dizer, primeiro, que a definição atribuída a qualquer Ideia também pertence a outras Ideias; por exemplo, se a definição da Ideia

de homem é animal bípede, esses dois pertencem “ao animal e ao bípede”, isto é, à Ideia de animal e à Ideia de bípede; pois essas duas Ideias combinadas seriam também animal bípede. Logo, esta definição, animal bípede, não será própria da Ideia de homem. E esse absurdo também se segue “no caso das coisas eternas”, isto é, se considerarmos a definição de uma Ideia, que é um singular eterno, do ponto de vista dos platônicos, e se considerarmos que a definição dada a uma Ideia é própria das outras.

1620. É também necessário (672).

Em seguida, ele expõe a segunda consequência, a saber, que a definição atribuída à Ideia de homem não pertence primariamente a esta Ideia; e isso se opõe à noção de uma definição, pois mostra-se que uma definição é verdadeira primariamente da coisa definida.

Ele prova isso de três maneiras. Primeiro, diz que não é apenas necessário que a definição dada ao homem pertença ao animal e ao bípede, mas também que estes — animal e bípede — sejam anteriores ao homem e sejam suas partes, na medida em que o homem é composto de ambos.

1621. Mas, de acordo com a posição dos platônicos, seguir-se-ia antes que ambos — animal e bípede — são separáveis do homem e de outros animais, se o homem é assumido como separável dos indivíduos; porque, assim como o homem está acima dos indivíduos, de modo semelhante o gênero e a diferença estão acima do homem. Pois é necessário que ou nada comum seja separável, ou que ambos — animal e bípede — sejam separáveis do homem. Ora, se nada comum é separável, segue-se que um gênero não existirá separado de sua espécie, e assim o gênero não significará substância. Mas se um gênero existe separado de sua espécie, então, por igual razão, uma diferença também existirá separada, pois esta é mais comum que uma espécie. Mas se tanto animal quanto bípede são separáveis do homem, segue-se que eles são anteriores da maneira como o homem separado é anterior ao indivíduo. E assim segue-se ainda que a definição atribuída ao homem pertence a certas coisas anteriores — ao animal e ao bípede.

1622. Além disso, porque (673).

Segundo, ele prova o mesmo ponto por meio de outro argumento. Diz que é evidente, a partir da consideração seguinte, que animal e bípede são anteriores ao homem no ser; pois aquelas coisas são anteriores no ser que não são destruídas quando outras coisas são destruídas, embora, quando elas são destruídas, outras coisas sejam destruídas. Por exemplo, o número um é anterior ao número dois porque, quando o número um é destruído, o número dois é destruído; mas não o inverso. E quando animal e bípede são destruídos, o homem é destruído, embora, quando o homem é destruído, os primeiros — animal e bípede — não sejam destruídos. Logo, animal e bípede são evidentemente anteriores ao homem.

1623. E ainda (674).

Em seguida, ele prova o mesmo ponto por um terceiro argumento. Diz que a mesma conclusão é evidente se sustentarmos não apenas que animal e bípede são separáveis do homem, como sendo Ideias do homem, como foi provado acima no primeiro argumento (671:C 1621), mas também que o homem é composto deles, de modo que, assim, uma Ideia separada acaba por ser composta de Ideias separadas. Pois é evidente que animal e bípede, dos quais o homem é composto, seriam

menos compostos que o homem, que é composto deles. Mas o que é menos composto é anterior. Logo, segue-se novamente que animal e bípede são anteriores ao homem, não apenas porque são separados, como o primeiro argumento avançou, mas também porque o homem é composto, como este terceiro argumento avançou.

1624. Além disso (675).

Então ele fornece um argumento adicional para rejeitar a resposta dada acima. Ele diz que não só se segue que a definição atribuída à Ideia de homem é comum a outras Ideias anteriores, a saber, animal e bípede, das quais se supõe que a Ideia de homem seja composta, mas também que essas mesmas coisas – animal e bípede – serão predicadas de muitas coisas e não apenas do homem. E isso ocorrerá não apenas quando forem tomadas em si mesmas, como afirmava a resposta anterior desses homens, mas também quando forem tomadas em conjunto.

1625. Pois se esses elementos dos quais a Ideia de homem é composta, animal e bípede, não são predicados de muitas coisas, como se sabe que eles pertencem à Ideia de homem, como foi concluído acima (644:C 1542-50)? Pois resultaria que existe alguma Ideia que não pode ser predicada de mais de uma coisa, já que é evidente que a Ideia de animal pode ser predicada de muitos indivíduos. Portanto, se esses dois juntos – animal e bípede – podem ser predicados de apenas uma coisa, segue-se que bípede restringe animal a uma coisa, de modo que alguma Ideia, bípede, é predicada de apenas uma coisa. Mas isso não parece ser verdade, uma vez que toda Ideia é capaz de ser participada por muitas coisas; pois de um único exemplar surgem muitas coisas que se assemelham a esse exemplar. Portanto, a resposta anterior não pode ser verdadeira.

1626. Além disso, deve-se entender que, pelo mesmo argumento, também pode ser demonstrado adequadamente que nenhuma coisa singular entre essas coisas sensíveis pode ser definida por quaisquer propriedades ou formas unidas, sejam elas quais forem. Pois qualquer Ideia, e também qualquer forma, tomada em si mesma, está naturalmente disposta a existir em muitas coisas; e assim, não importa como sejam combinadas, haverá uma definição exata desta coisa singular apenas acidentalmente, na medida em que é possível que todas essas formas tomadas em conjunto sejam encontradas em apenas uma coisa. É óbvio, então, que o princípio de individuação não é uma coleção de acidentes (como alguns disseram), mas a matéria designada, como o Filósofo afirmou (627:C 1496).

1627. Portanto, como foi dito (676).

Então ele apresenta o terceiro e principal argumento para mostrar que as Ideias não podem ser definidas. Ele diz que, uma vez que foi afirmado acima (669:C 1609) que os indivíduos não podem ser definidos por causa de sua corruptibilidade, como o primeiro argumento avançou, e uma vez que aqueles atributos que são incluídos nas definições são comuns, como o segundo argumento avançou, a verdade da afirmação de que é impossível definir singulares entre as coisas eternas não é aparente, especialmente no caso daquelas que são únicas em uma espécie, como o sol e a lua. Pois, como as coisas em questão são eternas, o argumento baseado na corruptibilidade das coisas singulares não parece ser conclusivo quando aplicado a elas. E porque essas coisas são únicas em sua espécie, o argumento da comunalidade das partes de uma definição não parece ser conclusivo em relação a elas; pois, neste caso, todos os atributos próprios de uma única espécie

são próprios de um único indivíduo.

1628. Mas aqueles que pensam que essas coisas são definíveis estão tão enganados a ponto de cometer muitos erros ao definir tais coisas. Eles erram em um aspecto, na medida em que acrescentam nas definições dessas coisas atributos que podem ser removidos, permanecendo as próprias coisas, a saber, o sol e a lua; por exemplo, ao definir o sol, eles dizem que é algo "que gira em torno da terra", i.e., que revolve em torno da terra, ou "que se esconde à noite", i.e., invisível durante a noite. Pois se o sol parasse e não girasse em torno da terra, ou se aparecesse sem ser invisível à noite, ele não seria o sol se tivesse sido definido propriamente. No entanto, seria absurdo que não fosse o sol quando esses atributos fossem removidos, pois o sol significa uma substância; mas essas coisas pelas quais é definido são certos de seus acidentes.

1629. E eles não erram apenas dessa forma, mas também cometem um erro adicional ao definir o sol por um atributo que é adequado para pertencer a outra coisa; pois supondo que "outra tal coisa venha a existir", i.e., algum corpo tendo tal forma, ou a mesma forma e espécie, é evidente que seria um sol, na medida em que sol significa uma espécie; e dessa forma pode ser definido. Assim, "a expressão definitiva é comum", i.e., a expressão inteligível da espécie sol. Mas este sol seria uma coisa singular como Cleon ou Sócrates. Portanto, é certo que, mesmo que as Ideias também sejam consideradas eternas e únicas em sua espécie, elas ainda não podem ser definidas.

1630. Portanto, nenhum daqueles que postulam Ideias revela "quaisquer limites fixos", i.e., definição, de uma Ideia. Pois se eles dessem a definição de alguma Ideia, como a de homem ou cavalo, tornar-se-ia evidente, em oposição àqueles que tentam definir uma Ideia, que o que acaba de ser dito é verdadeiro: uma Ideia é indefinível.

Revision #2

Created 16 September 2026 22:22:19 by Admin

Updated 16 September 2026 22:32:31 by Admin